

EMPREENDIMENTOS E EMPREENDEDORES NA FORMAÇÃO AGRÁRIA DE FREDERICO WESTPHALEN/RS

Fernando Panno Correio¹

João Armando Dessimon Machado Correio²

RESUMO

O presente artigo constrói uma caracterização histórica da formação política, social e econômica do município de Frederico Westphalen/RS, especialmente na estruturação do cenário agrário atual do município, enfatizando a participação de empresas de iniciativa pública e privada, além de personalidades empreendedoras que tiveram papel fundamental neste processo. Através de levantamentos bibliográficos e documentais históricos, associados a relatos de historiadores e histórias de vida de moradores do município, é possível compreender a intensidade com que estes empreendimentos e empreendedores contribuíram para tornar o município de Frederico Westphalen/RS uma referência regional. Estes atores tiveram papel fundamental também na formação rural local, uma vez que, com as características minifundiárias e predominância de pequenas propriedades familiares, o surgimento de pequenos empreendimentos rurais, ou até mesmo a integralização das propriedades com empreendimentos maiores, é visto como alternativa de desenvolvimento para o setor.

Palavras-chave: Estrutura econômica; Formação Agrária; Empreendedorismo; Desenvolvimento.

ABSTRACT

This article builds a historical characterization of the political, social and economic formation of the city of Frederico Westphalen/RS, especially in the structuring of the current agricultural scenario of the city, emphasizing the participation of public and private enterprise companies, and entrepreneurial personalities who had role fundamental in this process. Through historical bibliographic and documentary surveys associated with the accounts of historians and life stories of city dwellers, it is possible to understand the extent to which these enterprises and entrepreneurs have contributed to making the city of Frederico Westphalen/RS a regional reference. These actors played a key role also in local rural training, since, with the smallholders characteristics and predominance of small family farms, the emergence of small rural enterprises, or even the payment of property with larger enterprises, It is seen as a development alternative for the sector.

Keywords: Economic structure; Agricultural Training; entrepreneurship; Development.

INTRODUÇÃO

O papel de empresas, sejam elas públicas ou privadas, e pessoas na construção da identidade social, política, cultural e econômica de uma região geográfica, sempre foi de

¹ Doutorando no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural da UFRGS.

² Professor no Programa de pós Graduação em Desenvolvimento Rural da UFRGS.

protagonismo. Quando um novo espaço é colonizado, os traços étnicos e culturais dos colonizadores ficam registrados e caracterizam este local ao longo da história. O surgimento de empreendimentos, instituições, entidades, em fim, organizações com e sem fins lucrativos, conduzidas por empreendedores visionários, acabam caracterizando a história destes espaços e condicionando seu futuro. As alterações de cenários nestes locais, ao longo do tempo, também sofrem influências diretas de novas pessoas e novas organizações que por ele passam.

Neste sentido, analisar a participação de organizações e pessoas na construção de um espaço, rural ou urbano, conduz a delineamentos interessantes do papel destes atores na história do local. Questionamentos sobre como seria o local sem estes atores ou se houvessem surgido outros, que rumos o espaço teria seguido, são instigantes aos olhos de quem faz parte ou tem afinidade com este lugar.

No presente estudo, as descobertas sobre as influências de instituições e pessoas, empresas e empreendedores na formação social e econômica de Frederico Westphalen/RS, especialmente de seu meio rural, tendem a traçar estes caminhos, tendo em vista que, vê-se no município uma carência de informações sobre suas características agrícolas, especialmente voltadas a uma construção histórica. Para se chegar a esta construção, foram traçados os caminhos desde os primeiros passos colonizadores, passando pela emancipação político-administrativa do município, tendo sempre como suporte as fases e diferentes sistemas agrários do Rio Grande do Sul, especialmente voltados à colonização europeia.

A história da colonização, por descendentes de imigrantes europeus, do local onde hoje está situado o município de Frederico Westphalen, ocorreu nas três primeiras décadas do século XX, com os colonos buscando melhores condições de vida nas terras novas (RIZATTI, 1996). O lugar já recebia viajantes que cruzavam as matas, partindo de Palmeira das Missões, rumo às “águas do mel”, hoje município de Iraí/RS, distante cerca de 100 quilômetros de Palmeira das Missões. Segundo Ferigollo (2014), estas longas distâncias obrigavam a divisão da viagem em acampamentos que distanciavam entre si de 15 a 20 quilômetros. Estas paradas acabaram formando o que hoje são cidades ou vilas, inclusive Frederico Westphalen. A partir disso, o surgimento de empresas e empreendedores com visão desenvolvimentista construiu a história daquela que é hoje considerada uma cidade referência na região do Médio e Alto Uruguai do Rio Grande do Sul.

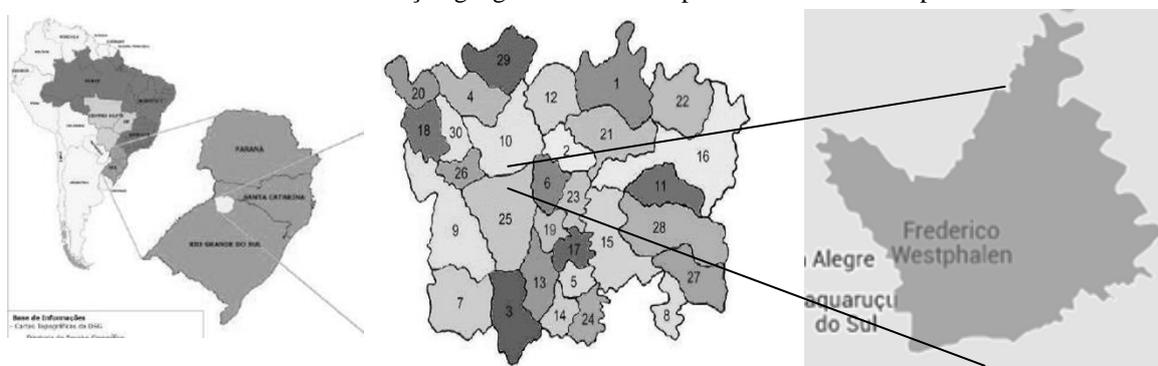
1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Por se tratar de um estudo basicamente qualitativo e descritivo, que busca identificar as características de determinada população, fenômeno ou acontecimento (GIL, 2004), associando-a às teorias existentes a respeito do tema (dados secundários), não se fez uso de métodos estatísticos. O plano de coleta de dados propôs a utilização de dados secundários e primários, para abordar a temática. Os dados secundários foram organizados a fim de elucidar o desconhecido que tem relação com a temática. Com a análise de fotografias e documentos históricos, bibliografias que retratam a história agrícola, especialmente do município de Frederico Westphalen/RS, a partir da história da colonização agrária do Rio Grande do Sul e da Região do Médio e Alto Uruguai, foi possível traçar as alterações de cenários agrícolas ocorridos ao longo do tempo no local do estudo.

Os dados primários foram coletados através de uma entrevista qualitativa não estruturada, que busca informações através de história oral, história de vida e narrativas e oferecem ampla liberdade na formulação de perguntas e na intervenção da fala do entrevistado (MANZINI, 2004). A entrevista não estruturada foi aplicada junto a agricultores idosos, muitos com forte participação na história agrícola local, comerciantes de produtos agropecuários, que vivenciaram as mudanças de sistemas agrários de Frederico Westphalen/RS, historiadores e membros e colaboradores de cooperativas, sindicato rural, EMATER e prefeitura municipal.

A figura 1 apresenta a localização geográfica do município foco do estudo. Trata-se de um município considerado pequeno em termos populacionais e geográficos, mas com grande importância econômica, social e educacional para uma das regiões mais enfraquecidas, economicamente, do estado do Rio grande do Sul (CHIARINI, 2008).

FIGURA 1: Localização geográfica do município de Frederico Westphalen/RS



Fonte: Dados da pesquisa com base em mapas do IBGE, CODEMAU e URI.

O município de Frederico Westphalen está localizado na Mesorregião Noroeste do estado do Rio Grande do Sul. É sede, o maior e mais significativo município do COREDE CODEMAU (Conselho Regional de Desenvolvimento do Médio e Alto Uruguai) do RS. De acordo com o IBGE (2010), o último censo do município apontou uma população total de 28.843 no ano de 2010. Dentre esta população, cerca de 20% residem no meio rural e 80% no centro urbano. A economia do município está alicerçada no comércio e especialmente na agricultura, sendo que a realidade do meio rural local é de pequenas propriedades rurais, com média de 17 hectares.

2 EMPREENDIMENTOS E EMPREENDEDORES: PILARES DA CONSTITUIÇÃO DO RURAL LOCAL

Baseado em relatos dos moradores antigos do município, de historiadores locais e documentos históricos de fundação e desenvolvimento de Frederico Westphalen/RS, é possível apontar acontecimentos, surgimento de empresas públicas e privadas, além de personalidades empreendedoras que marcaram a história do município desde a década de 30 do século XX. Esses apontamentos tornam-se fundamentais para compreender os “porquês” do cenário rural contemporâneo. Estas passagens direcionam uma compreensão de como o meio rural do município obteve as configurações sociais e econômicas (produtivas e mercadológicas) que são observadas nos dias atuais. Para tal, as informações coletadas estão organizadas de forma cronológica, considerando as similaridades temporais e influências de acontecimentos locais e globais, que modificaram as estruturas agrícolas do município.

O processo de colonização dessa região conduziu o município de Frederico Westphalen/RS à agricultura familiar, com um meio rural composto de pequenas unidades produtivas, com famílias compostas por grande número de filhos e hábitos produtivos e alimentares voltados à subsistência. Nestas propriedades, eram percebidas poucas iniciativas empreendedoras, no sentido de buscar alternativas de mercado ou direcionamentos produtivos voltados ao mercado. No entanto, como as famílias eram geralmente numerosas, acabavam criando duas situações distintas, que começavam a acarretar mudanças no cenário produtivo, mercadológico, demográfico e social local ao longo do tempo.

A primeira situação mostra-se favorável e fundamental para a rápida ocupação agrícola das terras recém colonizadas. Com uma força de trabalho numerosa, ágil e intensa, as pequenas propriedades se desenvolveram rapidamente, formando ao longo da estrada recém

construída e especialmente do povoado da Vila Barril, comunidades de agricultores que, com seu poder de compra e consumo oriundo de suas roças, passou a chamar a atenção de comerciantes de outras regiões do estado, que passaram a formar um pequeno centro urbano. Ou seja, no território onde hoje se encontra o município de Frederico Westphalen, os imigrantes, especialmente Italianos, Alemães e Poloneses, desenvolveram rapidamente as comunidades rurais e, conseqüentemente e concomitantemente, surgiu um centro urbano ascendente.

A segunda situação, advinda do grande número de filhos das famílias dos imigrantes, acaba acarretando uma significativa alteração do cenário rural locais, especialmente na década de 60 e 70, quando estes filhos, já adultos, passam a buscar seu próprio espaço para construir suas famílias e a primeira leva de sucessão das terras esbarra na pouca quantidade de terra e dificuldades de relevo (acidentado) para manter todos os filhos no local. Esta primeira sucessão acabou acontecendo concomitantemente com a revolução verde e modernização da agricultura, tornado o campo inviável para muitos desses filhos de pequenos agricultores, que migraram para as cidades.

3 FASES HISTÓRICAS DO DESENVOLVIMENTO DE FREDERICO WESTPHALEN/RS

Estas alterações, ocasionadas por situações micro e macroambientais, surgimento de empresas, instituições, e pessoas com visão empreendedora, começam a moldar o cenário rural e urbano do município, apresentando suas potencialidades, tornando-o a referência regional de hoje. Objetivando uma melhor compreensão e organização das informações, fatos e acontecimentos históricos, que direcionam e condicionaram a formação do município de Frederico Westphalen/RS, o texto está dividido em três fases históricas, que apontam as particularidades produtivas, mercadológicas e desencadeamentos sociais e econômicos observados em cada uma delas.

3.1 Primeiro período histórico (1930-1960):

Neste primeiro período histórico da colonização do município de Frederico Westphalen, situada no tempo entre as décadas de 30 e 60 do século XX, tem-se na subsistência com poucos excedentes que eram trocados por produtos com os comerciantes

locais, como principal característica. Até o início dos anos 60 o rural local estava sendo desbravado e as terras sendo ocupadas (Ferigollo, 2014). Características do sistema agrário colonial como a derrubada de matas, tração animal leve, policultura, mão de obra familiar, e produção para o autoconsumo com poucos excedente, prevalecia na maioria das propriedades da região.

A agricultura é a principal fonte de riqueza da comunidade neste período, grande motivador da futura emancipação. Não existiam nesta época lavouras mecanizadas, predominando a pequena propriedade rural, com atividades braçais e intenso uso de animais. No ano de 1940 viviam na vila de Frederico Westphalen 16.655 pessoas, sendo que mais de 90% desta população residia no meio rural. A população da vila, em termos regionais, era maior que o recém emancipado município de Iraí/RS e só não era maior que a cidade sede Palmeira das Missões, que na época possuía cerca de 2.000 habitantes a mais que a vila Frederico Westphalen (IBGE, 1959). Esta característica já credencia a comunidade ao papel de protagonista regional, que exerce hoje.

A predominância do sistema agrário de subsistência e trocas acabou sofrendo algumas interferências pontuais, como a recém criada cooperativa de banha e produtos suínos. Por volta de 1941, alguns empresários e líderes comunitários propuseram a um grupo maior, a fundação da cooperativa, uma vez que tais produtos estavam adquirindo um alto crescimento do consumo e importância, não só nos arredores, mas também em outras regiões. Além disso, desejavam que a nova vila tivesse uma estrutura capaz de alavancá-la economicamente e viram na suinocultura uma boa oportunidade (FERIGOLLO, 2014 e IBGE, 1959). Segundo Battistella (1969), a cooperativa não cumpriu o papel que seus idealizadores esperavam, ficou por cerca de dois anos paralisada, até que por volta do ano de 1943, através do espírito empreendedor de três jovens vindos da região metropolitana do estado, propuseram que a cooperativa fosse transformada em frigorífico.

Trouxeram maquinário de um antigo frigorífico de Guaporé e nominaram o novo empreendimento de Frigorífico Santo Antônio. A novidade fez com que alguns agricultores familiares passassem a criar suínos para, além de sua subsistência, vender unidades ao novo empreendimento. No entanto, esta prática ainda era bastante incipiente entre os agricultores locais, a demanda do frigorífico não era o bastante para que a suinocultura fosse disseminada nesta época.

Piovesan (2002) salienta ainda que durante o período em que a agricultura desenvolvia-se de forma mais tradicional/colonial baseada na necessidade de subsistência das

famílias, a criação de animais também era tratada de forma mais rudimentar, buscando unicamente o suprimento das necessidades alimentares com poucos excedentes. A criação de suínos, por exemplo, era feita de forma natural, sem a participação de agentes externos e uso de ração concentrada. Esta realidade remete uma dificuldade da época, a falta de ações voltadas à profissionalização dos processos produtivos, direcionadas ao mercado.

Por pouco mais de uma década, o frigorífico Santo Antônio foi o maior propulsor da economia local, especialmente no meio rural. Sua presença foi importante para o desenvolvimento rural local e alterações dos sistemas agrários, uma vez que, desde seu surgimento, oportunizou aos agricultores uma nova alternativa de renda, absorvendo os suínos criados e comercializados por agricultores, sem a formalização de integração que vemos hoje, além de gerar empregos e retorno financeiro através de impostos ao município. Ao longo do tempo, este frigorífico continuou participando ativamente das alterações de cenários, agrícola e urbano, de Frederico Westphalen/RS.

Nesta fase do desenvolvimento rural e urbano de Frederico Westphalen, a figura de um padre católico, com vasta visão empreendedora foi fundamental. Monsenhor Vitor Battistella chegou ao então distrito de Barril em março de 1932, permanecendo até maio de 1973. Durante mais de 40 anos, Monsenhor Vitor foi protagonista das mais significativas mudanças ocorridas, tanto no espaço urbanizado da vila como nas comunidades rurais. É tido como um dos grandes responsáveis por tornar a vila de Barril apta à emancipação política e administrativa, ocorrida no ano de 1955.

Ferigollo (2014) relata que Monsenhor Vitor, através de sua visão empreendedora, dinamismo e liderança foi incansável na conquista de instituições e infraestruturas importantes para o local. Idealizou e mobilizou a comunidade para a criação de uma emissora de rádio, Rádio Luz e Alegria, hoje um dos maiores complexos radiofônicos do norte do estado. Foi responsável também pelo surgimento do primeiro hospital de caridade e escola. Instalou a central telefônica na então vila, levando pessoalmente os fios de transmissão do sinal, com a ajuda de cavalos, a todos os pontos do município, inclusive no meio rural. Esteve à frente de outras conquistas, como a catedral diocesana e outras obras que alavancaram econômica, social e culturalmente a vila Barril.

Também foi escritor, publicando a primeira obra sobre a história de Frederico Westphalen, denominada “Painéis do Passado”, escrita no ano de 1969, que permaneceu por muito tempo como o único registro da história local. Teve participação ativa na comissão de emancipação do município de Frederico Westphalen, entre 1953 e 1955. Segundo Battistella

(1969), a emancipação aplicou o “cheque mate” ao fenômeno da estagnação periódica e imprimiu à cidade ritmo novo, estável e vigoroso progresso, trazendo a fluxo crescente de novos moradores. A emancipação passou a oportunizar aos moradores urbanos e rurais de Frederico Westphalen novas alternativas de renda, com novos investimentos e investidores aportando no município recém criado (Ferigollo, 2014).

Além destas e outras ações idealizadas e concretizadas por Monsenhor Vitor Battistella e abraçadas pela comunidade, que fizeram com que a vila Barril obtivesse um bom crescimento urbano, tornando-se o município que é hoje, referência na região do Médio e Alto Uruguai, o sacerdote teve uma contribuição fundamental para o desenvolvimento rural local. Mantinha um contato frequente com os agricultores e exercia uma forte influência sobre eles, uma vez que os colonizadores, na sua maioria de origem italiana, eram católicos fervorosos e respeitavam muito a figura do sacerdote. Este, por sua vez, aproveitava esta relação que em termos beirava a dominação (SPONCHIADO, 2003), para orientá-los e influenciá-los desde o plantio das lavouras até a venda, orientando sobre as alternativas de comercialização, passando pela criação de animais e seus destinos além do consumo.

Esta liderança, exercida por Monsenhor Vitor sobre os agricultores, fez com que eles participassem ativamente da construção urbana do município. Parte dos recursos financeiros para viabilizar as obras citadas anteriormente era advinda das famílias rurais, que doavam parte de sua produção e por vezes seus melhores animais pelas causas lideradas pelo sacerdote (FERIGOLLO, 2014).

Por outro lado, Monsenhor Vitor, através de seu dinamismo e conhecimento acima da média, instruía os agricultores sobre formas de plantio, orientava sobre os riscos das queimadas para a fertilidade do solo, formas de melhorar a produção, técnicas produtivas, etc. Foi fundador da primeira organização de agricultores do município, a UNAC (União dos Agricultores e Criadores).

O contato periódico do sacerdote com os agricultores, pelas ondas da rádio ou em visitas às propriedades, fez com que o sacerdote percebe-se que o desânimo estava tomando conta das famílias rurais, em função dos constantes insucessos nas plantações e na criação de animais. Já no início dos anos 50, muitas destas famílias de colonizadores pensavam em abandonar suas terras e seguir outros rumos (Battistella, 1969). Segundo Dalla Nora (2002), interessado em achar soluções práticas para os problemas dos agricultores, as quais afetariam, frontalmente, os interesses da paróquia, uma vez que havia prenúncio de possível diminuição no número de paroquianos e contribuintes, o sacerdote reuniu alguns colonos que, para ele,

mostravam-se mais entendidos, consultou livros e revistas e propôs uma solução para os mencionados problemas.

Como visionário e empreendedor, Monsenhor Vitor definiu sua proposta de criação de uma associação de produtores. Segundo um relato do próprio sacerdote, região é essencialmente agrícola, mas os agricultores haviam trazido consigo os métodos primitivos de trabalho, apreendidos alhures e ignoravam os progressos da moderna técnica. O solo já estava perdendo sua fertilidade, porque, desconhecidos os processos de conservação, tudo se fazia para o seu empobrecimento. Constatava tudo isso com meus olhos nas minhas contínuas andanças pelo interior, em visita às capelas, e ouvia os clamores do povo.

Eis, porque, a 08 de dezembro de 1950, reuni um grupo de destacados homens da terra, como fim de combinar uma visita aos principais núcleos do interior, tomar contato direto com tais problemas e, depois, deliberar da organização de uma sociedade capaz de congregiar os agricultores e criadores e promover, por todos os meios ao alcance, as soluções adequadas. Como já havia esboçado um anteprojeto dos estatutos de tal entidade, submeti-o à discussão, pedindo sugestões e emendas, ficando assim, regidos em definitivo para serem oferecidos e à aprovação da primeira Assembleia Geral. (BATTISTELLA, 1969).

Assim, surgia a primeira organização agrícola de Frederico Westphalen, a UNAC, com o objetivo de manter as famílias no campo, tornando a prática agrícola atraente e promissora. A UNAC propunha aos agricultores orientação de técnicas agrícolas modernas, em substituição aos métodos primitivos de cultivo, possibilitando melhoras na produção e na lucratividade com a comercialização dos excedentes. Piovesan (2002) salienta que Monsenhor Vitor Battistella instruía e aliciava os agricultores a usarem as novas técnicas agrícolas difundidas pelo capitalismo. Segundo ele, se os agricultores não fizessem uso das técnicas modernas, jamais obteriam um crescimento financeiro. Deu-se início aí, mesmo que de forma morosa, a migração de um sistema colonial de produção para um sistema colonial contemporâneo, intensificado no final da década de 50 e início da década de 60 em Frederico Westphalen/RS.

Foi no final deste primeiro período histórico e início do segundo, que surgiram os principais órgãos e instituições de fomento do desenvolvimento rural de Frederico Westphalen/RS. Battistella (1969) retrata alguns quando diz que a presença da UNAC viabiliza e consolida também, em grande parte, a instalação de um escritório da ASCAR – Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural, a organização da Rádio Luz e Alegria Ltda, com notável parcela de finanças, a instalação da Inspetoria Veterinária, da Associação Rural,

da cooperativa Triticola de Frederico Westphalen (COTRIFRED) e do Sindicato dos trabalhadores rurais. Além destes, destaca-se que em pouco tempo, o município recebeu o escritório da EMATER, escola agrícola e mais tarde a feira do produtor e cooperativas de crédito.

3.2 Segundo período histórico (1960 a 1990):

Passada a primeira fase de colonização e formação do espaço rural de Frederico Westphalen/RS, vê-se no local, no final dos anos 50 e início dos anos 60 do século XX, o surgimento de instituições importantes, que marcaram e contribuíram para a estruturação de novas formas de pensar o desenvolvimento rural local. Além disso, o frigorífico Santo Antônio passou por transformações, e continuou sendo um empreendimento importante para o crescimento do agora município de Frederico Westphalen/RS. Com o intuito de relacionar o surgimento e importância das instituições e empreendimentos mais significativos deste período às transformações do rural local, eles serão retratados individualmente.

- O Frigorífico Damo S/A

No ano de 1961 o frigorífico Santo Antonio foi adquirido por uma única família de empreendedores e sofreu nova alteração social, passando a atuar sob a denominação de Frigorífico Damo S/A. (BATTISTELLA, 1969). A novidade dinamizou a produção de suínos na região e tornou a prática uma atividade rentável e segura para os agricultores, já que o frigorífico intensificou a produção, aumentando a demanda e, conseqüentemente, atrelando aos criadores de suínos uma maior garantia de colocação dos animais criados. Com o crescimento, o foco do frigorífico passou para o mercado internacional. Assim, além de oportunizar aos agricultores um maior contato com o dinheiro, fato que os habilitava a entrar no mercado de consumo, também os obrigou a investir em técnicas mais apuradas de criação de suínos, introduzindo uma alimentação diferenciada aos animais. Isto trouxe algumas conseqüências, pois as famílias teriam que gerenciar a propriedade de uma maneira diferente.

Estas e outras novidades locais, associadas a novas políticas globais, como a revolução verde e modernização da agricultura que se iniciava, transformaram as relações dos pequenos agricultores com a terra. Para Moreira e Mello (2010) houve uma pressão muito grande para que os agricultores de Frederico Westphalen cedessem às novas tecnologias da agricultura

moderna e deixassem de lado, não apenas as técnicas consideradas obsoletas pela nova conjuntura que se formava, mas também toda a sua cultura. Era uma mudança radical no modo de pensar a agricultura. Com as novidades que se apresentavam, os agricultores deveriam ouvir mais as empresas agroindustriais, apropriar-se de técnicas e insumos desconhecidos e diferentes do legado da vida camponesa que viveram até então. As formas e técnicas de cultivo e comercialização de *commodities*, por exemplo, passavam por alterações consideráveis.

Com ascensão da suinocultura, tem-se, a partir de 1960, o incremento de técnicas de criação modernas, com chiqueiros de madeira para confinamento e separação dos animais, que comumente eram criados soltos. Assim, poderiam receber alimentação de maneira controlada, por tempo de engorda, oportunizando ao agricultor um maior controle sobre a produção. Surgiram também as adaptações de raças, entrada de raças importadas, com mais carne e menos gordura em menos tempo de engorda. Naturalmente estas novidades traziam consigo novos cuidados e investimentos (MOREIRA e MELLO, 2010). Estas exigências partem da indústria, que por sua vez é regulada pelas exigências do mercado.

Segundo relatos de suinocultores e comerciantes de suínos da época, o frigorífico Damo S/A foi impulsionador do setor e da agricultura familiar como um todo, mas também deixou registros negativos. No final deste período histórico, mais precisamente no ano de 1989, os empresários, acionistas majoritários, não resistiram às investidas de uma das maiores empresas do setor de alimentos do mundo, a SADIA S/A, e vendeu a planta, fato que alterou o cenário rural local novamente. Praticamente todas as propriedades rurais do município forneciam suínos para abate no frigorífico e antes mesmo da transferência de domínios do frigorífico, os agricultores já começavam a enfrentar dificuldades.

Os agricultores criavam os suínos da sua maneira, recebiam orientações de técnicos da EMATER, da Cooperativa e do Sindicato dos trabalhadores, sobre raças e alimentação, sua relação com o frigorífico se resumia em ir até o escritório financeiro para receber pelos suínos comercializados. Toda a transação era feita por atravessadores, que compravam os suínos na propriedade, estipulando o preço, e entregavam no frigorífico, que por sua vez pagava diretamente aos produtores, além de uma comissão aos atravessadores.

Até o final da década de 90 não havia uma uniformidade de raças e métodos de criação e controle dos suínos. Aos poucos os agricultores foram sendo motivados a investir no setor, pelos resultados que a criação artesanal lhes proporcionava e pelo aumento da demanda. No entanto, os altos investimentos em estrutura física, alterações das técnicas de criação,

utilização de ração de alto custo, associada à carência de assistência técnica e estratégias de gestão, passaram a inviabilizar e descapitalizar os agricultores, sendo que muitos trabalhavam com prejuízo em determinados momentos e passaram a enfrentar problemas para quitar seus compromissos, gerando uma crise no meio rural local.

- A Cooperativa Triticola de Frederico Westphalen

Com o intuito econômico de receber e comercializar a produção de trigo de seus associados, no final da década de 50 e início da década de 60, um grupo de agricultores, plantadores de grãos, criou a Cooperativa Triticola de Frederico Westphalen, mais tarde nominada COTRIFRED. A cooperativa era mais um aliado do pequeno produtor, amenizando os efeitos causados pelas dificuldades de adaptação à nova realidade agrícola global, causada pela revolução verde e modernização da agricultura. Além de dar suporte na armazenagem e comercialização da produção, a instituição fornecia insumos e dava orientações de manejo aos agricultores familiares de Frederico Westphalen e região.

Com o passar dos anos, a COTRIFRED incrementou suas atividades e, além do trigo, passou a oferecer a seus associados rações e concentrados para a criação de animais, especialmente para a suinocultura, uma realidade local e atividade leiteira, que se iniciava entre os produtores. A cooperativa expandiu ainda mais suas atividades, passando a atuar nos ramos de supermercado, loja agropecuária e veterinária e recebimento de leite, sempre com o intuito de fortalecer a agricultura local e dar condições de trabalho aos agricultores e manutenção das propriedades. Estas novidades estreitaram os laços econômicos e de confiança entre a cooperativa e seus cooperativados e acabaram alterando os hábitos de consumo destas famílias, que passaram a confiar boa parte de sua produção à cooperativa, em troca de crédito que era gasto com produtos alimentícios no mercado e insumos nas outras lojas.

A área de atuação geográfica da COTRIFRED não demorou a ser expandida e seu nome foi fixado em outros municípios da região do Médio e Alto Uruguai, chegando a ter unidades de recebimento de grãos e leite, além de supermercados, e lojas da agropecuária e veterinária em 8 municípios da região. Nos anos 80 a cooperativa firmou um importante convênio com o colégio Agrícola de Frederico Westphalen, mantido pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), criando um posto de recebimento e resfriamento de leite nas dependências do colégio, fomentando a bacia leiteira do município. Neste período, a

COTRFRED integrou o grupo que criou a Central Gaúcha de Leite (CCGL), consolidando-se como uma grande incentivadora da atividade na região, fato que hoje se reflete na importância da produção do leite para o desenvolvimento rural e viabilidade econômica das pequenas propriedades.

- A EMATER

Destaca-se também a implantação no início da década de 60 de um escritório municipal da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/RS), sendo que mais tarde foi aberto no município um escritório regional da EMATER-ASCAR, dando suporte a agricultores de 42 municípios dos COREDES do Médio e Alto Uruguai e do Rio da Várzea. A EMATER, com seus técnicos e extensionistas, fixaram sua imagem como órgão de referência no desenvolvimento da agricultura familiar regional, organizando arranjos produtivos locais (APL) em áreas variadas da agricultura e da pecuária, dando ênfase ao processamento de produtos (agroindústrias). Este incentivo oportunizou a muitas famílias novas fontes de renda e, conseqüentemente, estimulou o interesse sucessório nos jovens, que também é uma preocupação da EMATER local.

- O Sindicato dos Trabalhadores Rurais

Mais uma vez apoiada pela igreja católica, é fundado no município de Frederico Westphalen, em 21 de março de 1964 o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, regido basicamente pelo estatuto da Frente Agrária Gaúcha (FAG), órgão seguidor das doutrinas da igreja católica (DALLA NORA, 2002). Os agricultores familiares do município passaram a migrar da UNAC para o sindicato, que recebeu uma adesão maciça dos produtores. Hoje a grande maioria dos agricultores do município é sindicalizada.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Frederico Westphalen levou às famílias do campo uma série de benefícios, que contribuíram para o processo de sucessão e manutenção das propriedades na época. Seu foco principal era na assistência previdenciária, médica, odontológica, jurídica. Mais tarde passou a auxiliar os sindicalizados com assessoria técnica e de proteção às políticas agrícolas e altas dos juros agrícolas. Além disso, dispôs aos agricultores familiares um comércio de produtos agropecuários e veterinários com preços e informações diferenciadas. Assim, o sindicato tornou-se, ao longo dos anos, mantendo as

mesmas características até hoje, um importante apoiador das causas rurais, especialmente voltadas às famílias dos pequenos agricultores do município.

Por fim, com relação à estrutura produtiva local, no segundo período histórico do município foco do estudo predominava o cultivo de trigo, soja, milho, feijão e fumo, além de suínos, sendo que a cadeia produtiva do leite passou a fazer parte deste cenário, mesmo com intensidade tímida, se comparada aos dias atuais. As propriedades que aderiram aos moldes da modernização já não produziam somente para subsistência, apesar das dificuldades em função da quantidade e qualidade das terras. Mesmo as famílias mais resistentes às inserções de técnicas modernas, buscam espaço no mercado local, especialmente através da feira do produtor rural e diversificação da produção. A cultura de *commodities*, com precipitações de parcerias e integralizações na criação de animais conduzem ao final deste sistema colonial contemporâneo, que tem no êxodo rural sua principal marca negativa.

3.3 Terceiro período histórico (1990 até hoje):

Nestes últimos 25 anos, o município de Frederico Westphalen/RS passou por constantes alterações de cenários, tanto no meio rural como no centro urbano. Seguindo a tendência dos períodos históricos anteriores, vê-se que o sistema agrário de Frederico Westphalen, no final dos anos 80, sofre alterações significativas, tendo como mola propulsora destas mudanças, especialmente a suinocultura e o frigorífico local. Os agricultores que permaneceram na suinocultura, ainda na época do frigorífico DAMO/SA, necessitaram realizar adaptações e investimentos para atender as novas exigências da empresa e do mercado.

Segundo Ferigollo (2014), foi notória a participação do frigorífico no desenvolvimento regional. Por longos anos Damo S/A liderou o abate de suínos no Estado. A indústria teve um crescimento tão importante, que chamou a atenção de uma das maiores empresas do setor alimentício do Brasil na época. Assim, no ano de 1989, o Frigorífico Damo/SA foi adquirido pela SADIA/SA, que iniciou um novo ciclo na agricultura local, com a inserção dos preceitos de integralização entre a empresa e os produtores de suínos, fato que acabou extinguindo boa parte dos produtores, que não se enquadravam nas normas da empresa, por falta de interesse ou de condições financeiras. Ao mesmo tempo, elevou produtores a patamares de produção e renda satisfatórios, apesar dos altos investimentos, geralmente construídos através de financiamentos bancário.

O processo produtivo inserido pela SADIA S/A acabou alterando significativamente o sistema agrário local, de um sistema com características mais coloniais do que contemporâneas para um sistema contemporâneo, com integralização e especialização de atividades. Isto exigiu das famílias uma nova postura e ações estratégicas para sua propriedade. Nos moldes produtivos citados anteriormente (segundo período histórico), praticamente todas as famílias rurais do município tinham na suinocultura e no leite suas principais fontes de renda. Com a profissionalização da suinocultura, foram poucas as famílias que permaneceram na atividade e as que permaneceram investiram bastante para suprir a demanda do frigorífico, que passou a buscar suínos também em outras regiões do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

Este cenário fez com que muitas famílias, no início dos anos 90, alterassem seus investimentos na propriedade. Houve um aumento na produção leiteira, que crescia e não exigia tanta infraestrutura. Houve um aumento da diversificação e pluriatividade, sendo que, muitos agricultores mantinham a propriedade para subsistência e poucos excedentes, vacas de leite, grãos e/ou fumo com baixa produção e inseriam-se no mercado de trabalho urbano, ou como mão de obra de outras propriedades rurais. Esta realidade esteve presente no rural de Frederico Westphalen/RS até o ano de 1996. Nesta época, as placas da SADIA S/A na entrada das propriedades era sinônimo de orgulho para as famílias, significava que aquela era uma propriedade organizada, que produzia suínos para a maior empresa da região.

No entanto, este cenário começa a mudar e junto dele o futuro do rural local e regional. No final do ano de 1996 a SADIA S/A anuncia o fechamento da unidade de Frederico Westphalen, gerando um clima de incerteza e até desespero, tanto para os cerca de 1.000 funcionários, como para os agricultores, parceiros integrados, que tinham na parceria sua principal fonte de renda, para manter sua família e pagar os financiamentos adquiridos para a adaptação e construção dos chiqueiros. Em um primeiro momento houve uma desmotivação natural das famílias rurais, muitos jovens, que estavam na propriedade deixaram a casa dos pais para tentar a vida nas cidades e em outras regiões agrícolas do país.

No final dos anos 80 e início dos anos 90, o rural de Frederico Westphalen sofreu com o enfraquecimento e falta de motivos para que os jovens permanecessem. O censo do IBGE de 1991 aponta que 40,80% da população do município viviam no campo, já no censo de 2000 este percentual caiu para 23,60%. A falta de perspectivas, especialmente das famílias que investiram na suinocultura e seus derivados, também daquelas que indiretamente dependiam do frigorífico, ocasionou esta queda. Segundo Panno (2003) esta situação

naturalmente gerou grande desconforto para a administração pública, que passou a analisar alternativas para contornar a crise que se instalara no comércio e interior do município. Percebeu-se então que os incentivos à criação de agroindústrias menores, na cadeia do suíno e em outras, seria uma boa possibilidade.

Neste período surgiram em Frederico Westphalen/RS uma série de pequenos empreendimentos rurais, dinamizando o meio rural através da inserção de novas culturas, como a fruticultura, cana de açúcar, hortifrúgereiros e pequenas empresas de embutidos de carne suína. A cadeia produtiva do leite passou a fazer parte de maneira mais intensa das famílias que permaneceram no campo. Através destes incentivos públicos e da visão empreendedora de agricultores, surgiram agroindústrias que hoje fazem parte do cenário regional e estadual. No final da década de 90, um empreendimento do ramo avícola surgiu no município e alavancou o setor de maneira expressiva. Aproveitando-se de algumas estruturas da suinocultura, adaptando-as para a criação de aves, surgiu o abatedouro Piovesan.

No início das atividades eram poucos os criadores que, em forma de integralização, criavam as aves para o abate. Hoje o abatedouro tornou-se frigorífico e é um dos propulsores do desenvolvimento rural local, através da integralização com agricultores familiares. Hoje, com moldes de gestão profissional da atividade, uso de tecnologia, fábrica própria de ração e equipe de assessoramento técnico e veterinário, o Frigorífico Piovesan oportuniza aos seus parceiros integrados uma atividade permanente e constante, com uma importante fonte de renda e viabilização da propriedade.

Apesar das novas atividades propostas ao rural local, havia o sentimento de perda no meio em função do fechamento do frigorífico de suínos. Durante seis anos, foram muitas as tentativas de reabertura do frigorífico, sem sucesso. No ano de 2001, um grupo de empresários e investidores conseguiu abrir negociação com a SADIA S/A para tentar reabrir o empreendimento. Aflorou na comunidade, tanto urbana como rural, a esperança de contar novamente com a suinocultura como alternativa para o meio rural. No final de 2001 o sonho torna-se realidade e surge a Mabella Carnes Ltda, e aos poucos foram se restabelecendo as parcerias de integralização com as famílias rurais para a criação de suínos. No entanto, o cenário rural local já não era o mesmo, ocasionando dificuldades ao novo empreendimento, que foi obrigado a buscar matéria prima em outras regiões e iniciar as atividades com capacidade produtiva aquém do esperado. Aos poucos as propriedades familiares foram se reestruturando, algumas famílias voltaram ao rural, outras retomaram as atividades na suinocultura, apesar da força jovem já ter diminuído bastante no meio.

Fechando a trajetória histórica do antigo frigorífico Santo Antônio, desde sua reabertura em 2001, a planta passou por algumas fusões. Em 2008, o grupo de empresários, proprietário da Mabella Carnes Ltda, vendeu a planta frigorífica para o grupo MARFRIG. Com a fusão da MARFRIG e SEARA, em 2010, o frigorífico passou a se chamar frigorífico Mabella Seara. Por fim, em 2013, o grupo Marfrig negociou a planta com a empresa JBS, a qual gerencia as ações do frigorífico na atualidade. Todas estas alterações de perfil do frigorífico, de certa forma acabaram afetando os agricultores, uma vez que, em cada mudança, novas exigências, regras e diretrizes eram tratadas. Este fato acabou, ao longo deste período, inviabilizando alguns produtores, que mais uma vez abandonaram o setor, ou passaram a criar suínos para empreendimentos menores do município e da região, como as agroindústrias de embutidos. A realidade que se vê hoje, entre os criadores integrados à JBS, é de investimentos mais complexos, com alta tecnologia e criadores com alto poder de produção.

CONCLUSÕES

Percebe-se no presente estudo que, de maneira mais ou menos incisiva e efetiva, o papel de empresas e empreendedores foi significativo na construção social e econômica de Frederico Westphalen/RS. Enfatizando o desenvolvimento do meio rural do município nesses períodos históricos, tem-se na evolução de modos de produção e de comercialização uma inserção de oportunidades importantes, que culminaram com o surgimento de empreendimentos agroindustriais significativos que, juntamente com as parcerias voltadas à cadeia do leite, frango e suíno, têm alavancado o setor constantemente. Estas oportunidades, quando bem aproveitadas pelos agricultores familiares tendem a gerar recursos capazes de garantir qualidade de vida ao meio rural e conseqüente aumento do interesse sucessório, fator importante para a manutenção social e econômica deste importante setor.

Esta preocupação é eminente, uma vez que mesmo com estas novas perspectivas e possibilidades vê-se no espaço rural de Frederico Westphalen/RS, já afetado pelas crises e suas conseqüências, um enxugamento das propriedades economicamente ativas. Segundo o IBGE (2010) no ano de 2010 existiam no município de Frederico Westphalen 1.670 propriedades rurais, sendo na grande maioria pequenas propriedades, com até 17 hectares de terra. Nos dias atuais, muitas destas propriedades detêm pouca atividade produtiva, ou seja, são utilizadas para moradia, lazer e/ou produção de alimentos para subsistência.

O espaço rural do município, segundo os registros de arrecadação da secretaria municipal da fazenda, tem na suinocultura, setor leiteiro e avícola mais de 70% da receita da agricultura familiar. Estes números são significativos e devem ser considerados para se pensar políticas públicas locais. Um passado recente mostra que a dependência econômico-financeira de um setor atrelado às empresas agroalimentares, através de parcerias de integralização, repercutem de forma positiva, pela segurança e viabilidade de pensar a propriedade através de uma oportunidade de mercado, no entanto têm-se os riscos próprios dessa dependência, como o eminente risco de estar a mercê de interesses puramente econômicos.

Considerando que o meio rural do município é importante para o desenvolvimento local como um todo, após a compreensão de como se deu sua formação, através das influências empresariais e empreendedoras, torna-se fundamental fortalecer o setor para que, cada vez mais, as novas gerações possam sentir-se atraídas a continuar esta construção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATTISTELLA, V. **Painéis do Passado**. Frederico Westphalen: Gráfica Marin, 1969.

CHIARINI, T. **A pobreza no espaço: uma aplicação para o Rio Grande do Sul**, 2000. 2008. 125 f. Dissertação (Mestrado em Economia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

DALLA NORA, H. A. D. **A organização Sindical Rural no Rio Grande do Sul e o Surgimento do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Frederico Westphalen**. 2002. 151 f. Dissertação (Mestrado em História Regional) Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo: 2002.

FERIGOLLO, W. A. **Sonhos & Trilhas: a história das comunidades**. Frederico Westphalen: Editora Pluma, 2014.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2004;

IBGE - Enciclopédia dos Municípios Brasileiros do ano de 1959. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_33.pdf>. Acesso em: 10 de nov. 2015.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. Censo Estatístico 2000 e 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 13 ago. 2014;

MANZINI, E. J. **Entrevista: definição e classificação**. Marília: Unesp, 2004.

MOREIRA A. C.; MELLO, D. Manifestações Culturais no Espaço Agrário de Frederico Westphalen (RS) Voltadas ao Saber do Campo na Alimentação Humana. **Revista de Ciências Humanas e Educação**. Frederico Westphalen: URI/FW, 2010, v.11, n. 16.

PANNO, F. Sucesso Agroindustrial Através de Mudança Organizacional. **Revista de Administração URI/FW**. Frederico Westphalen, Editora da URI, 2003.

PIOVESAN, A. J. **Diferentes Manifestações Constituintes da Realidade do Espaço Rural de Frederico Westphalen**. Monografia (Graduação em Geografia). Frederico Westphalen: URI, 2002.

RIZZATTI, M. E. C. **Aspectos significativos da história de Frederico Westphalen**. Frederico Westphalen: Ed. Marin, 1996.

SPONCHIADO, B . **Vitor Battistella o Padre Caudilho**. 2003. 233 f. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.